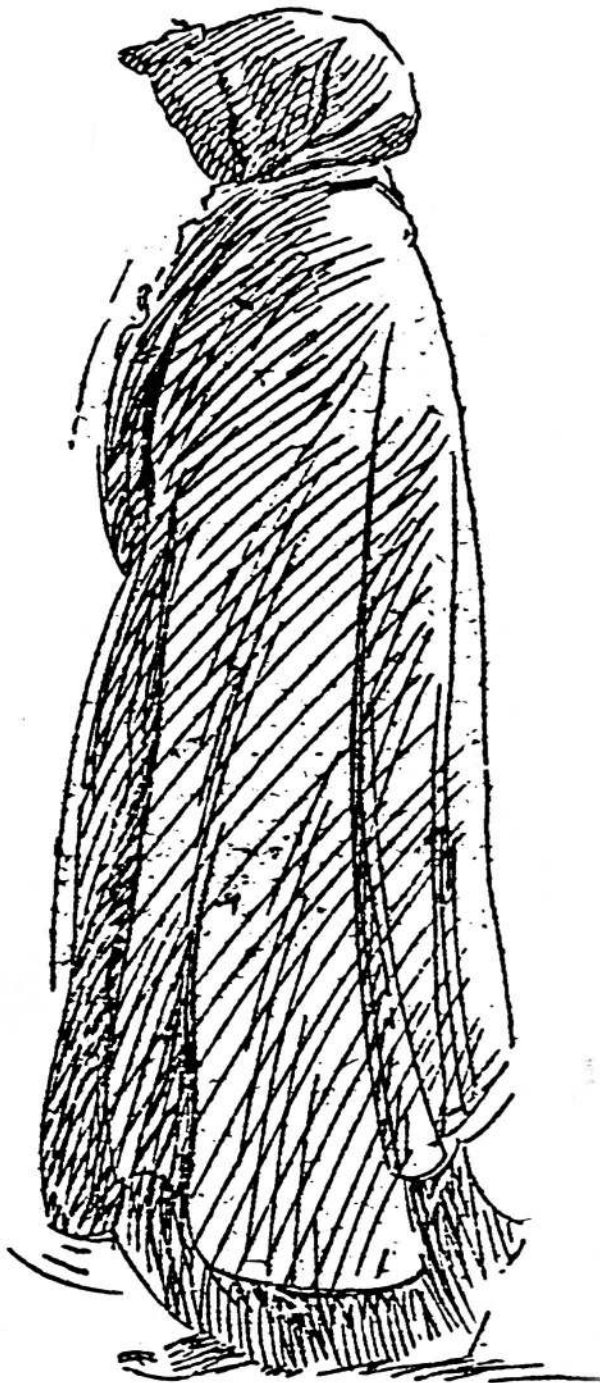


Os Biocos do Algarve

José da Cunha Duarte e Emanuel Andrade Sancho

in Traje no Algarve, Museu Nacional do Traje, 2001



18. Mulher Algarvia, desenho de Saavedra Machado, in *O Archeologo Portuguez*, Lisboa, 1918

• Os Biocos do Algarve •

P.^o José da Cunha Duarte • Emanuel Andrade Sancho

Se existe no Algarve um traje verdadeiramente mítico, esse é o bioco. Proibido em finais do século XIX, foi cantado pelos poetas, protagonista de acesas polémicas jornalísticas e largamente utilizado como bandeira pelos ideólogos da Região no período do Estado Novo. Hoje, os *biucos* de Olhão, sobrevivem apenas nos versos dos poetas.

Tamanha repercussão permitiu a “*construção*” de uma imagem fantasiosa que ainda hoje pertence ao imaginário popular da região.

Apesar de considerarmos que «*nenhum traje popular se pode considerar absolutamente autóctone, nem invariante, embora todos o pareçam*»¹, o bioco algarvio é talvez um dos raros casos de um traje verdadeiramente popular desta região.

APRESENTAÇÃO

Sabemos hoje que os gregos e os etruscos² vestiam o *himation*, isto é, o manto, de que puxavam uma das pontas sobre a cabeça. Possivelmente limitamo-nos a interceptar um procedimento que era nessa altura já bem antigo.

Mais tarde, o Cristianismo vai precisamente colocar nas imagens da Virgem, o manto à moda etrusca, isto é, sobre a cabeça. É com S. Paulo que se introduz o costume das mulheres cobrirem a cabeça para que estas se distingam da mulher descoberta ou meretriz. Assim, entrar no templo de cabeça coberta era sinal de respeito, submissão e humildade perante Deus.

Herdeira desta tradição, a Europa viu surgirem diversas peças de vestuário que tinham de comum o facto de cobrirem por inteiro o indivíduo. Em geral eram utilizados em circunstâncias e por motivações comuns.

Sendo uma questão que atravessa a história independentemente das condicionantes culturais, a indumentária revela-se como uma componente fundamental dos sistemas económicos mas assume, sobretudo, uma enorme relevância no contexto moral. É com frequência que, ao longo da história, autoridades civis e religiosas zelaram pelo vestuário usado pelos seus povos.



1



2



5



3



4

1. Mulher solteira, Espanha, in *Habiti Antichi et Moderni di Tutto il Mondo*, Cesare Vecellio, Veneza, 1598
2. Mulher viúva, Espanha, in *Habiti Antichi et Moderni di Tutto il Mondo*, Cesare Vecellio, Veneza, 1598
3. Meretriz de Roma 1566-72, in *Habiti Antichi et Moderni di Tutto il Mondo*, Cesare Vecellio, Veneza, 1598
4. Viúva de Maissen – Alemanha – Séc. XVI, in *The book of Costume*, Millia Davenport, New York, 1956
5. Duas mulheres de Lubeck, em 1567, por Melchior Lork, in *Fashion*, Mila Contini, New York, 1965



Filipe II, na *Pragmática* de 29 de Outubro de 1609, concede que, por motivo de luto «se poderá trazer capuz por tempo de um mês somente, não sendo de mais comprimento que até o artelho».

O alvará de 11 de Agosto de 1649 proíbe às mulheres de «trazer chapéu com manto, andar embuçada, ou usar capa com rebuço, excepto as regateiras (...) e as parteiras que andarem em mulas». Semelhante disposição constava já do alvará de 1626 que proibia às mulheres andarem embuçadas pelas ruas³. Acreditamos que a mulher *embuçada* tapava quase todo o rosto ficando, assim, irreconhecível. Um outro alvará do mesmo ano⁴ recomenda à mulher que o *bioco* poderá ser usado apenas com manto curto, até aos peitos. A mulher assim embiocada era facilmente reconhecida pela roupa que usava.

As Constituições do Bispado do Algarve⁵, em 1674, recomendam que os hábitos dos clérigos «tenham o cabeção levantado e não sejam tão compridos que mostrem vaidade e ostentação».

«Mourisca usança bárbaro costume», assim considerava Correia Garção, por meados do século XVIII, os biocos portugueses⁶. Outros autores havia que igualmente não dissimulavam a sua aversão a este costume. Os estrangeiros que visitavam Portugal, ao longo do século XVIII, consideravam com frequência «ser contrário à boa política» o uso dos capotes de rebuço por poderem ocultar pessoas mal intencionadas⁷.

Sendo com alguma frequência mencionado na nossa literatura o uso dos rebuços até aos finais do século XIX, ele não constitui de forma alguma uma exclusividade portuguesa.

Embora com diferenças significativas, o bioco algarvio tem sido ocasionalmente associado às capas e rebuços açoreanos. Por sua vez, vários autores têm salientado as notáveis similaridades destas com alguma indumentária flamenga⁸. Wilhelm Giese⁹, notável estudioso da indumentária açoriana, identificou mesmo capas de características semelhantes às do arquipélago, em França, Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Itália, Espanha e Portugal Continental. Para quem conhece a história e os movimentos migratórios e colonizadores verificados a partir do século XVI, tudo isto é perfeitamente compreensível.

O bioco algarvio caracteriza-se por ser «uma imensa capa negra, até aos pés, com um cabeção que chega à cintura. De fazenda quente para o Inverno, ou mais leve, para as noites de Verão, o bioco era traje obrigatório de toda a senhora que quisesse dar testemunho público de uma vida séria e recatada. Para além de cobrir todo o restante vestuário e impedir assim a comparação entre vestidos mais ou menos elegantes ou ricos, a possibilidade de virar o cabeção por forma a tapar totalmente o rosto permitia mesmo ocultar a identidade de quem o usava¹⁰».

Sobre as eventuais reminiscências árabes, sem repudiarmos a tese, os séculos parecem tê-las esbatido o suficiente para supormos improvável a sua sobrevivência no uso do bioco no Algarve até às primeiras décadas do século XX.



6



7

6. Mulher Portuguesa, in *Habiti Antichi et Moderni di Tutto il Mondo*, Cesare Vecellio, Veneza, 1598

7. Mulheres de Coimbra em 1839, in *O Trajo Popular em Portugal Séc. XVIII e XIX*, Alberto de Sousa, Lisboa, 1924



Não estão ainda completamente clarificadas as circunstâncias que levaram o Governador Civil do Algarve, Júlio Lourenço Pinto, em 1882, a proibir por decreto o uso dos biocos no Reino do Algarve. No entanto, ele próprio se encarrega de nos elucidar a esse respeito no seu livro *O Algarve*, publicado em 1894. A verdade é que os jornais da época se não cansam de pelear contra tal costume. O bioco é, na época, visto como um sinal do isolamento cultural em que a região se encontrava e motivo de vergonha. Também conotado negativamente com a nossa herança muçulmana, o bioco ganhava por essa via o repúdio de algumas pessoas. Muito mais do que uma simples peça de indumentária, o bioco transforma-se num símbolo que urge combater.

O fenómeno não afecta apenas o Algarve. Alberto Pimentel, ilustre etnógrafo e pintor, na sua *Galeria de Trajos Nacionais* apresenta um artigo sobre os biocos. Descreve um pouco a sua história, porém não nutre paixão por eles. Termina o seu artigo afirmando: «*Tem-nos custado a desfazer dos mouros! E vizinhos ainda á volta de Lisboa representados pelos saloios. Isto cheira bastante a Berberia*»¹¹.

A abundante literatura existente acerca desta peça de indumentária parece indicar, até ao momento da sua proibição, a co-existência de uma multiplicidade de variantes. Poderíamos mesmo, com alguma facilidade, definir modelos e especificidades de pormenor, atribuíveis a determinadas zonas do Algarve.

A partir de 1882, com o decreto de Júlio Lourenço Pinto, os biocos algarvios tentaram a sobrevivência aligeirando-se. O cabeção, o capelo levantado e a tromba de elefante desapareceram. A perseguição durará décadas e da qual encontramos o seu eco nos jornais da época. De cedência em cedência, ele caminhou no sentido da uniformização, subsistindo somente o conjunto capa e lenço de cabeça. Por fim, extinguiram-se em quase todo o Algarve.

Curiosamente, a acção policial exercida contra os biocos parece ter constituído uma medida impopular surgida a partir de uma acção aparentemente concertada entre jornalistas, escritores e intelectuais da época. Estes, desejosos de arrancar a região de um secular isolamento e impulsiona-la no sentido do progresso e dos novos ventos que varriam a Europa, empreenderam contra o bioco uma cruzada quixotesca. Afinal, a velha vestimenta era o símbolo de tudo o que repudiavam.

Décadas depois, nos anos 20 e 30 do século XX, são ainda alguns jornalistas, escritores e intelectuais melancólicos, saudosistas de um passado já irreversível, que lançam nas páginas dos jornais os últimos gritos em defesa do bioco.

O facto de Olhão ter sido o último dos lugares onde o bioco foi usado, merece reflexão. Na verdade, os níveis de rigor com que as autoridades locais zelavam pelo cumprimento dos regulamentos variava de terra para terra. Olhão é de si já um caso único no Algarve. A tradição do



9

Mulheres da Ilha Terceira
Desenhos de Rocha Vieira,
in *A Nossa Terra*, F.ª Xavier
Rodrigues, Lisboa, 1937
Mulher do Porto – Séc. XVIII,
in *O Trajo Popular em Portugal*
Séc. XVIII e XIX, Alberto de
Souza, Lisboa, 1924



contrabando, por exemplo, é incontornável. A condescendência das autoridades e o jogo de cumplicidades entre vizinhanças fez história e estórias em Olhão. As comunidades piscatórias caracterizam-se frequentemente por elevados níveis de natalidade e viuvez, instabilidades económicas e abundantes casos morais e sociais precários. Tudo razões que ajudam a explicar a longevidade dos chamados biocos de Olhão.

Os textos que colecionámos permitem-nos perceber que as mulheres usavam o bioco e só excepcionalmente os homens. Cobriam a cabeça e escondiam o rosto para se protegerem das intempéries do tempo, para expressarem a dor no luto e na viuvez, a submissão, obediência e desprendimento por motivos religiosos, para esconder comportamentos social e moralmente reprováveis, para encobrir a vergonha das velhas ricas caídas em desgraça ou da simples pobreza envergonhada ou ainda como peça de vestuário.

Maria Veleda, autora de um exemplar texto de 1901 que transcrevemos quase na íntegra, introduz-nos no ambiente sócio-cultural que conduziu à proibição do uso dos biocos no Algarve. Uma antologia de notícias e recortes de jornais e literatura da época, sobre o mesmo tema, dá-nos o enquadramento histórico.



10

¹ *O Traje da Mulher Macaense*, Ana Maria Amaro, Macau, 1989

² *Vejam-se os frescos de Ceres e de Bocanera*

³ *O Trajo popular em Portugal, séculos XVI a XIX*, Alberto de Sousa, Lisboa, 1924

⁴ Alvará de 6 de Outubro de 1649, (*Livro da Suplicação*, Fl. 22)

⁵ *Constituições Synodais do Bispado do Algarve feyta e ordenadas por D. Francisco Barreto*, Évora, 1674

⁶ *Teatro Novo – Obras Completas*, Vol. II, Correia Garção, 1766, Lisboa, 1958, p. 22

⁷ *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, P. João Bautista Castro, Tomo I, Lisboa 1762

⁸ *Vejam-se Cláudio Basto in Mês do Sonho e ainda autores como Luís Ribeiro e Leite de Vasconcelos*

⁹ Autor de “*Sobre as capas de mulheres nos Açores*”, in “*Açoreana*”, 1949; “*O Capote*”, in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 1961; “*Os capotes das mulheres açorianas*”, Congresso internacional de Etnografia, Santo Tirso, 1963.

¹⁰ *Algarve*, José Victor Adragão, Lisboa, 1985

¹¹ *Branco e Preto*, Nº 93, de 9 de Janeiro de 1898

10. Mulher de capote e lenço, in *Boletim de Etnografia* nº 1 (192) Desenho de Saavedra Machado



11

ANTOLOGIA

Documento 1

O BIÔCO

Texto de Maria Veleda

in *A Tradição III*, Serpa, 1901

A história desenvolvida do biôco, estudado na sua origem e nas suas evolutivas transformações, daria assumpto para uns artigos curiosíssimos, que eu me abstenho de tentar, dada a minha reconhecida e confessada incompetência em trabalhos ethnographicos de largo folego. No entanto, creio poder afirmar que o biôco, tal como o conheci e vi adoptar por senhoras da minha família e das minhas relações, traduz um claro vestigio, aviva uma poética recordação do domínio árabe na península. (...)

O biôco – ou biuco – como mais vulgarmente lhe chamavam, era um traje honesto e sobretudo commodissimo. Nada mais simples nem menos elegante: Dobrava-se um chalé – (preto ou escuro quasi sempre) – de maneira a affectar o geito de um lenço de três pontas. Junto à dobra fixavam-se com alfinetes umas tiras de papel resistente, de vinte centímetros de comprimento sobre dez de largura, pouco mais ou menos; dobrava-se o chalé novamente no sentido das tiras de papel, encobrindo-as, e estava o biôco preparado. O resto ainda era mais fácil: Lançado o chalé pela cabeça, afeiçoava-se em bico, que prolongavam à vontade na direcção dos olhos, e se fechava discretamente à altura da boca, por meio d'um alfinete de vidro, com cabeça preta.

A mulher assim embiôcada, respirava e via pelo estreito óculo que deixava na extremidade do biôco. Ora, a respiração tornava-se bastante difícil, isso tornava... mas – quanto a ver? – via-se perfeitamente – e sem se ser vista, o que proporcionava à meuda curiosidade feminina satisfações que hoje parecem inéditas e ignoradas.

Composto o biôco, deitava-se pelos hombros o capote – aquelle tradicionalissimo capote de nossas avós, que toda a gente mais ou menos conhece, - afogava-se o chalé pela parte posterior da cabeça, e ficava o vestuário completo.

Uma mulher embiôcada designava-se pelo nome do seu traje, e era para todos os efeitos – um biuco.(...)

Quando eu o conheci, há bons vinte annos, ainda o biôco triumphava da guerra surda que já então lhe moviam. Se a mulher o adorava, porque elle era o amigo discreto e económico, que a levava a toda a parte – modesta e desconhecida - sem lhe trahir nunca o incógnito, o homem – esse – é que não lhe perdoava o segredo, o ar de inviolabilidade que o biôco austero distribuía sobre o leve corpo, que, vergando a tamanho peso, elle encobria e ocultava. Todavia, sahir-se á rua de biôco não representava ainda um perigo, como aconteceu alguns annos depois. Mas... lá iremos.



12

11. Mulher de Bioco " Tromba de elefante", Revista Branco e Negro, 1898

12. Mulher algarvia com rebuço, Revista Branco e Negro, 1898



O biôco, além de económico, porque evitava a difícil exposição de vestidos luxuosos, apresentava outras vantagens, que não lhe eram somenos: Surgia uma necessidade imprevista de se ir aqui ou acolá: Uma receita a aviar na farmácia, por exemplo, qualquer coisa da loja de modas, uma visita urgente... enfim, que sei eu? Nestas ou semelhantes circunstâncias, o biôco supria todas as enfadonhas minúsculas d'um traje que houvesse de fazer-se desde o espartilho até ao chapéu. Embiocava-se a madama, girava sósinha sem causar a mínima estranheza, e ainda que fosse reconhecida – pelo metal da voz, pelo modo de andar, o comentário audacioso nunca a desrespeitava nem atingia. D'aquí a liberdade que então se disfrutava e hoje nos é interdita, sob pena de passarmos por extravagantes (...) onde uma senhora não pode transitar só sem a inevitável e obnoxia companhia de um mocinho ou de uma velha mulher de recados...(...)

N'aquelle tempo, pelo menos em Olhão e Faro, d'onde recolho estes apontamentos, e onde o biôco imperava sem restrições, creio que fossem raras, as pequenas intrigas de carácter aventureiro e romanesco. Fazia-se amor á antiga, honestamente, ingenuamente, sem cóio suspeito, sem entrevistas furtivas... nem receios... nem remorsos...

Todavia, como a árvore do fructo prohibido se multiplicou no Éden, estendendo as suas raízes por toda a terra, provável é que o biôco desempenhasse então, lá de longe em longe, o papel de secreto medianeiro. (...)

Mais tarde, o biôco abandonou-se, fez-se alcoviteiro de aventuras fáceis, assentou capacho no lupanar. Começaram então de aparecer nos passeios, nas igrejas, nas ruas, uns biucos suspeitos e facilmente reconhecíveis pelo seu conjuncto tão outro do biuco honesto, do biuco limpo. Elle era o sapatinho decotado e a meia de cores estridentes substituindo a severa botina de duraque... elle era o chalé garrido abrindo em óculo provocante, donde espreitavam dois olhos incendiários... e era a mão, que segurava o capote, faiscando brilhos de ouro ou comprimida em luva de pellica de seis botões. Pela abertura do capote, que propositadamente se descerrava, entrevia-se – quantas vezes! – uma saia cheia de folhos, de tufos, com muitos arrebiques e confeições. Era o biôco desmoralizado, o biôco-cilada, o biôco de esquina.

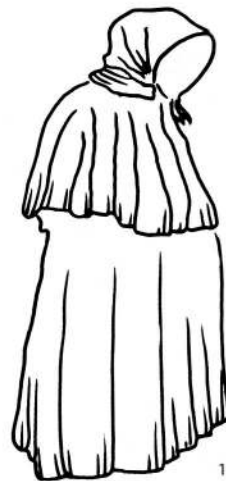
A igreja converteu-se por esse tempo em lugar de escândalo, onde o fêmeaço embiocado estabelecia arraiaes, perturbando o recolhimento das preces com as suas risadinhas, a sua picante correspondência com a rapaziada do lyceu.

A breve trecho, o biôco foi voluntariamente abandonado pelas senhoras honestas da alta roda; as que usavam d'elle por economia principalmente, aquellas cujo luxo consistia unicamente no seu rico capote de panno fino, e só reservavam um vestido – o pallio rico das estrondosas solemnidades, - essas – coitadas! – fizeram finca pé... Mas que série de contrariedades, ao depois!

Primeiro foram as piadas, os dicterios do elemento masculino, cujo triumpho rebentava. Seguiram-se-lhe as perseguições, o cerco em plena rua... e em Faro não poucas vezes succedeu a varias embiocadas



13



14

13. Mulher algarvia de rebuço tardia, Revista Branco e Negro, 1898

14. Bioco de Olhão, in Algarve, A.H. Stuart; Lisboa, 1941



arrancarem-lhes violentamente capote e chalé – mesmo na praça publica e no adro da vetustíssima Sé! Imagine-se o gáudio do rapazio e desespero das pobres creaturas, cujo capote, apenas em casa, era logo ali retalhado em casacos, calças e coletes!...

Decididamente, sua excellencia – o Homem – tinha motivos para rejubilar.

Decadente, exausto, inutilizado para a lucta, o biôco decente agonisava, quando foi nomeado governador civil do districto de Faro, um cavalheiro que falleceu em Beja há-de haver dois anos – o dr. José Virgolino Carneiro.

Foi elle quem deu o golpe de misericórdia no biôco estortisante . Editais muito consisos e intransigentes prohibiram-lhe a circulação, ostracismaram-no para o trágico ergastulo do guarda-roupa, impondo multas ás transgressoras d'essas severíssimas disposições.

O mulhero, claro, resistiu; e o governador civil foi amaldiçoado em todos os tons de todas as escalas possíveis. De nada, porém, lhe valeu a resistência, porque o homem, escudado d'esta vez com a auctoridade e auxiliado pela policia, redobrou de encarniçamento, no furor da perseguição.

Mulheres honestas iam parar á esquadra, d'onde saiam depois de esportular a multa respectiva, em promiscuidade aviltante com as ribaltas da Alagoa, que era n'esse tempo e não sei se ainda é, - o Bairro Alto da estúrdia fareense...

Infeliz biôco! A imprensa fustigava-o sem dó; a policia... "ande lá par diante"; e a própria mulher, sua amiga de bons tempos, voltava-lhe as costas com desdém. Batido, insultado, de muito insurgir-se, o biôco rendeu-se – afinal!

Rendeu-se, é verdade; mas nem por isso a decência ganhou grande coisa, e perderam os maridos, cuja bolsa o modesto biôco respeitava. Bom proveito para o commercio das rendinhas e correlativas bagatellas.. Enfim, isto não vem para o caso.

O certo é que o biôco morreu. Pois...

...requiescat in pace. Amen.

Maria Velleda



Documento 2

Em Faro, no dia 26 de Abril de 1889, Sexta-feira, por ocasião das comemorações na Sé, da paixão de Cristo, um ratão de bom gosto, trajando vestido e capote de mulher, e com o rosto velado por um bioco, tomou assento, no templo, conjuntamente com o belo sexo. A polícia foi prevenida mas não tão a tempo que à saída o trocista não conseguisse escapar-lhes, sendo difícil reconhecê-lo entre a grande aluvião de mulheres que também saíam da igreja e com as quais se confundira.

De "Faro – Um olhar sobre o passado recente", Luis F. R. Santos, Faro, 1997

Documento 3

Ah! Os biocos, os biocos! Não existe moda mais retrogada neste ultimo quartel do luminoso século. Representam as trevas do passado a querer ofuscar a claridade do presente. São os últimos arrancos do obscurantismo a querer tomar o passo ao progresso.

São os preconceitos dos nossos avós a querer assenhoriar-se do vasto campo da civilização moderna.

E, todavia, eles por aí vagueiam a seu belo prazer, na mais condenável impunidade. Se as sentimentais, as recatadas querem perpetuar o passado... melhor fora que o fizessem de outra forma, sem provocarem tentações, ou, quando menos a gargalhada e os apupos da multidão.

E nem mesmo os "struggles for life" é argumento que possa justificar semelhante velharia.

Há! Os biocos, os biocos! Praga maldita que a autoridade deve exterminar de uma vez para sempre.

De "Faro – Um olhar sobre o passado recente", Luis F. R. Santos, Faro, 1997

Documento 4

TITULO VI

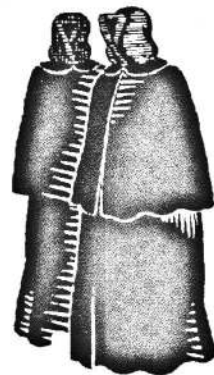
Rebuços e biocos

Artigo 32º

É prohibido nas ruas e templos de todas as povoações d'este distrito o uso dos chamados rebuços ou biocos de que as mulheres se servem escondendo o rosto.

Artigo 33º

As mulheres que, n'esta cidade, forem encontradas transgredindo o disposto no precedente artigo serão, pelas vezes primeira e segunda, conduzidas ao commissariado de policia ou ao posto policial mais proximo,



15

15. Biocos de Olhão, desenho de Roberto Nobre, in *Guia-Album do Algarve*, Faro, 1932



16

e nas outras povoações á presença das respectivas auctoridades administrativas ou aonde estas designarem, afim de serem reconhecidas: o que nunca terá logar nas ruas ou fóra dos locais determinados ; e pela terceira e mais vezes serão detidas e entregues ao poder judicial, por desobediencia.

§ único. Esta ultima disposição será sempre applicavel a qualquer individuo do sexo masculino, Quando fôr encontrado em disfarce com vestes proprias do outro sexo e com este encobrindo o rosto.

O estabelecido nos dois precedentes artigos não terá logar para com as pessoas mascaradas durante a epoca do carnaval, que deverá contar-se de 20 de janeiro ao entruado; subsistirão, porem, as mesmas disposições durante a referida epoca, em relação ás pessoas que trouxerem mascara usando o biôco ou rebuço.

Regulamento Policial do Governo Civil do Distrito de Faro, 1892

Documento 5

OS BIÔCOS

Tem raizes vivazes a velha costumeira.

Apezar da prohibição terminante do meretissimo funcionario superior do distrito, temos visto ainda diferentes biôcos no decurso d'esta semana;- não obstante já terem sido conduzidos á esquadra grande numero de mulheres, que envergam este costume.

Algumas, logo que ao longe avistam um policia, entreabem ligeiramente o chale, tornando em seguida a envolver-se, apenas passou o perigo.

É uma velleidade de lucta pela usança rançosa contra o principio da auctoridade.

É um desacato sobre o qual o sr. Governador civil não deixará por certo de fazer exercer energica repressão.

in O Progresso do Sul, nº 170, Faro, 1892

Documento 6

Instruções que acompanharam a providencia que aboliu o uso dos biocos:

No cumprimento exacto de todos esses preceitos policiaes espero que V. S^a empenhará toda a sua boa vontade e solicitude; mas especialmente chamo a sua attenção para os que visam á prohibição do uso de biôcos, dos quaes tanto se tem abusado com grave offensa dos costumes publicos.

6. Mulheres do Algarve
desenhos de Rocha Vieira,
in A Nossa Terra, F.º Xavier
Rodrigues, Lisboa, 1937



Entre os vestígios do domínio árabe, que se tem perpetuado n'esta provincia, arraigou-se essa usança tradicional, embora degenerada num traje que é uma desastrosa deformação do modelo primordial, e certamente são respeitáveis as tradições, que, representando a typica originalidade de um povo e as feições características de uma nacionalidade, não são incompatíveis com a civilização e com o progresso.

Não pertence a velharia do biôco a essa ordem de tradições.

Sob o ponto de vista artistico não se recommenda á nossa sympathia nem pela graça, nem pela belleza, um traje, em que ninguém poderá affirmar se divisam vislumbres de pittoresco oriental.

Sob outro aspecto, como rebuço de pobreza envergonhada, não se impõe tão pouco ao nosso acatamento. Nada mais digno certamente de respeito e sympathia do que o infortunio dos que decahem da prosperidade, da opulencia ou da abastança; mas nem o biôco, velando o rosto, logra encobrir a pobreza, nem a falta de coragem para lutar a face descoberta com a adversidade é sentimento, que os dictames de uma boa e alevantada moral deixem inveterar na educação publica.

Se ao menos as velhas praticas, que nenhuma circumstancia poderosa recommenda, foram inoffensivas, ainda poderia consentir-se que medrassem ao abrigo da tolerancia e da indifferença; mas quando, pelo contrario, se enraizam no organismo social como germens permanentes de corrupção, comprehende-se a severidade com que são condemnadas pela opinião publica sensata e illustrada, e justificado está o rigor com que irremissivelmente devem ser extirpadas dos costumes publicos.

in O Algarve, Júlio Lourenço Pinto, Porto, 1894

Documento 7

(...) Mas sobretudo pasma-se de ver este avejão do biôco, uma das singularidades mais características do Algarve, perpassar lugubrememente atravez de um ambiente de fogo, sem cahir por terra fulminado, ou derretido de calor sob o pezo da negra farpella, que o envolve hermeticamente e o escalda como uma túnica de Nessus.(...)

O biôco, este extraordinario biôco é digno de chronica para esclarecimento e regalo do leitor estranho a esta região. Desenha-se em dous traços. Um capote, de farto cabeção, pezado e tão abundante de panno que por completo encobre o corpo amplamente e até aos pés, encimando-se, e esta é a característica proeminente da estranha vestidura, por um chale preto, que, envolvendo e rebuçando rosto e cabeça, se enrola em fórmula ponteaguda,, lembrando o bico enorme de uma ave phantastica e tenebrosa. Este tubo conico Termina por um pequeno orificio, fresta unica para a respiração e raios visuais. De resto fica hermeticamente fechado o corpo humano que se encarcera n'esta farpela impenetravel a todas as



curiosidades, innaccessivel a todos os contactos, porque o biôco é inviolavel, como coisa sagrada reverentemente velada em arca santa.

Por fóra é isto o biôco, a anatomia é simples. Por dentro a psychologia é mais intrincada, se não é antes um caso pathológico complexo.

O mysterio que se recata coutelosamente no involucro estapafurdio d'esta lugubre e perpetua mascarada, vamos nós desvendal-o ao leitor, como podermos, nos seus varios aspectos.

Uma viuva decahida de fortuna, e que, mercê d'este rebuço protector, pôde transpôr os humbraes lareiros e affrontar a luz do dia sem córar humilhada da sua decadencia.

E é este o argumento campanudo, etumbante, esmagador, dos que terçam armas em defesa da tradicional instituição do biôco.

Uma beata que se compraz mysticamente sob este funereo farricoco, que é a um tempo balandrau de penitente e escudo isolador de inundanas impurezas.

Uma Messalina que se acoberta no mysterio para acirrar a libertinagem curiosa e frascaria.

Uma fragil peccadora, sem ser uma hetaira, que recorre timidamente a esta egide discreta para perpetrar sem perigo a aventura amorosa-romanesca ou a façanha da infidelidade conjugal.

Um Tenorio frascario, que se acolhe a este disfarce mulheril para se introduzir clandestinamente, e impunemente, onde não teria acesso sem encobrir a sua lubricidade barbuda de galã ditoso.

Finalmente pôde ainda ser um scelerado, que sob esta mascara traiçoeira esconde a traça tenebrosa dos seus maleficios.(...)

O povo d'esta provincia sob a fulguração de um sol hilariante, offerecendo o contraste da sua soturnidade indolente com o esplendor do mais ridente dos ceus , até nos trajos é lugubre e monotono, e o biôco , que representa nos costumes algarvios o traço mais saliente e caracteristico, é o mais lugubre de todos.

Em toda esta região, onde se tem perpetuado redivivos tantos vestigios da dominação mussulmana, não scintilla laivo de traço pittoresco, nem vislumbre da garridice frescal das lavradeiras milhotas ou da elegancia das esbeltas ovarinas.

Das flamantes vestes orientaes, ao contrario do que se observa em outros aspectos, não ficou lampejo no traço popular, em cuja banalidade tristonha, pezada, incaracteristica, apenas sobresahe, sem graça, sem beleza, sem elegancia, o biôco negro, lugubre, sepulcral e todavia há quem pretenda sobredourar esta farpella inquisitorial na poetica aureola de uma tradição levantina, simplesmente porque serve para velar um rosto feminino, como no Oriente se velam as faces mimosas das sultanas. (...)



E o biôco, indestrutível como as pirâmides do Egipto que medem a sua existência pela dos seculos, foi sacrilegamente banido dos costumes algarvios mais pela influencia da opinião pública sensata e illustrada do que pela acção policial. (...)

O biôco desapareceu, ou, com mais rigor, foi banida a mascara, mas ficou o traje modesto, economico, recurso precioso para as malaventuradas que decahiram da fortuna; sómente usam-no a rosto descoberto, porque pobreza não é vergonha.

Verdade seja que, arrancado o morghot algarvio pela mão irreverente da policia, o ardente lyrismo de sonhos orientaes cahe das suas chimericas alturas no charco do mais cruel prozaismo!

in *O Algarve*, Júlio Lourenço Pinto, Porto, 1894

Documento 8

OS BIOUCOS

Tinham acabado; já ninguém os via por essas ruas, provocando quem encontravam, mas agora vão principiando a aparecer, confiados na cegueira da policia, que parece que anda mas não anda.

Pedimos ao Senhor Comissário que não os deixe tomar fôlego para não estarmos sempre no Carnaval.

in *O Algarve*, Faro, 8 de Agosto de 1909

Documento nº 9

BIOUCOS

Ahi os temos a quererem fazer epocha e, segundo parece, com o consentimento da autoridade, pois vimos esta semana um que passou incólume junto d'um policia e d'um cabo de ronda. Será possível que o sr. Comissário consinta em tal?

O mais certo, cremo-lo bem, é o pessoal da policia não saber cumprir os seus deveres, o que não admira, visto que, com o tal systema de andarem sempre fora da sede, não pode receber a instrução tão precisa para quem exerce um cargo de tanta responsabilidade.

Estamos, porém, certos que o Sr. Comissário dará ordens terminantes para que não andem pela cidade os taes reprovados bioucos, que, a continuarem, dariam uma prova de atraso na civilização.

in *O Algarve*, Faro, 20 de Fevereiro de 1910



17. Mulher de Bioco em Olhão,
in *Algarve* (SNI), Lisboa, 1941

Documento nº 10

BIOUCOS

Não terá a policia visto uns biucos que têm aparecido cá pela cidade ?

Pois devia vê-los, porque quem os traz não evita o passar junto dos guardas e até pela esquadra.

Bom será que se não deixe abusar, senão ninguém lhes tem mão. E deixem-se de contemplações que dão sempre mau resultado.

in *O Algarve*, Faro, 24 de Abril de 1910

Documento nº 11

NOTÍCIA DE OLHÃO

As autoridades vão prohibir nas ruas e templos de todas as povoações do Concelho o uso dos chamados «rebuços», ou «biocos» de que as mulheres, de Olhão principalmente se servem para esconder o rosto.

O costume era deveras original razão insuficiente para o mantermos fora da galeria de antiguidades características dos séculos passados.

Se bem que muitas creaturas se utilizavam do «bioco» para atravessarem a vila encobrando com o «capote» as vestes de trazer por casa, é certo que o seu uso e abuso se prestava a disfarces por razões misteriosas...

Por isso, e porque Olhão tem direito ao programa, que só pode vingar à luz do sol, todas as mulheres que forem encontradas transgredindo as ordens das autoridades serão conduzidas à presença do sr. Administrador do Concelho a fim de serem reconhecidas, e na reincidência detidas e entregues ao poder judicial.

in *Correio do Sul*, Faro, 6 de Março de 1927

Documento nº 12

Vão acabar os Biocos de Olhão?

Li no ultimo numero dêste mesmo jornal, em correspondencia de Olhão, que as autoridades d'ali resolveram mover guerra de exterminio aos «rebuços», ou «biocos».

Não posso de forma alguma aplaudir o gasto das autoridades de Olhão, e quere-me parecer que outros assuntos mais graves existem nesse Concelho solicitando tamanha actividade. Pelo menos, este, prestava-se magnificamente á zarzuela...



Senão, veja-se:

«... todas as mulheres que forem encontradas transgredindo as ordens das autoridades, serão conduzidas á presença do sr. Administrador do Concelho afim de serem reconhecidas, e, na reincidência, detidas, e entregues ao poder judicial!»;

Isto é, pelo menos, um vexame, que não me consta que coisa alguma justifique, nem pruridos de moral, nem pruridos de ordem pública!

N'uma época como a presente, de preocupações tão graves, já é bisantismo censurar os ultimos «capotes» de Olhão!

Deixemos para os jornais a censura e não queiramos á viva força descaracterizar a mais tipica povoação do Algarve, das mais tipicas do paiz, já estragando a sua curiosa arquitectura com monos pseudo-civilizados, já indo-lhe aos costumes tão interessantes e passando-lhe por cima o rolo nivelador... Olhão, convenientemente réclamada, será sempre um esplendido cartaz para o turista.

E a população de Olhão não devia consentir que cada dia se lhe pretenda tirar mais uma parcela da sua individualidade com o pretexto de a ... civilizar!

Os «biocos» e a arquitectura de Olhão, não envergonhariam nenhum país civilizado!

A França esforça-se por não perder os seus característicos tipos bretões, assim como a Alsacia os seus trajos regionais. A Espanha defende os seus vestuários tipicos quer organizando museus, quer envergando-os em dias festivos. A Suissa organiza paradas de campónios para mostrar ao mundo como vestem os habitantes dos seus cantões. Só Kemal Pachá , na Turquia, e o sr. Administrador de Olhão quiere acabar com os «rebuços»!

Os grandes espíritos encontram-se. No presente caso, a rota comum é a estrada da Civilização...

Já um dia houve a veleidade de fazer desaparecer o «capote» de Olhão. Era então governador civil do Algarve o sr. Julio Lourenço Pinto, escritor de relativo mérito, que tem esse acto infeliz a escurecer-lhe a lista dos pecados.

A tradição soube renitantemente resistir às perseguições, e o «bioco», reviveu no seu pitoresco até ao dia de hoje, como resquício, é claro, do que antigamente foi.

Essas coisas, o tempo as cria, o tempo as mata. Não é por usar «capote» que a mulher de Olhão é menos civilizada. Não o usando, também o não será mais. Que ideia farão porventura da civilização as autoridades que, segundo a notícia referida, declararam guerra de morte ao «rebuço»?

Ha-de haver um padrão, um modelo, uma medida para aferir. Considerará o digno administrador pouco civilizados os juizes ingleses, que usam cabeleiras postiças? Ou os escocezes, que usam saias de criança? Ou os americanos que trabalham nos escritorios em mangas de camiza?



Não há que combater costumes pitorescos, é bem verdade, mas não fazem mal a ninguém. Pina Manique perseguia as ideias, não eram os trajos! Olhão, remendada, *como já anda, nas suas construções, ficará a tiritar de frio se lhe tiram o «capote», desprovida como já está da pele pelas contribuições do Estado...*

E depois, ha esta agravante: se chove uma d'aquelas chuvas rijas que pouca gente quiere, como ha-de Olhão sacudir a água do seu «capote»?

Isto, sem piada politica para ninguem!

in *Correio do Sul*, Faro, 13 de Março de 1927

in *Correio Olhanense*, Olhão, 27 de Março de 1927

(Artigo de José Dias Sancho)

Documento nº 13

Ainda há pouco tempo usavam cloques e bioco. O capote, muito amplo e atirado com elegância sobre a cabeça, tornava-as impenetráveis.

É um traje misterioso e atraente. Quando saem, de negro, envoltas nos biocos, parecem fantasmas. Passam, olham-nas e não as vemos. Mas o lume do olhar, mais vivo no rebuço, tem outro realce... Desaparecem e deixam-nos cismáticos. Ao longe, no lagedo da rua ouve-se ainda o cloque-cloque do calçado – e já o fantasma se esvaiu, deixando-nos uma impressão de mistério e sonho.

in *Os Pescadores*, de Raul Brandão, Lisboa, 1922

Documento nº 14

Quem nunca viu o capote usado pelas mulheres algarvias e a volta que elas dão à ampla gola em redor da cabeça para fazer o que chamam rebuço, quem nunca viu na rua ou na igreja esses monstros apocalípticos não poderá julgar da propriedade com que eu, para mais desprevenido, capitulei a três estranhas aparições de ursos com tromba de elefante.

in *Gente Singular*, Manuel Teixeira Gomes, Lisboa, 1909



Documento nº 15

O bioco, impenetrável vestimenta tanto em uso do Império de Mafamede e encobridor macabro dos farsantes do santo ofício, ainda se usa em Olhão, embora raramente. Este disfarce consta do amplo capote, cujo comprimento chega aos pés, com um enorme cabeção e um véu preto com uma armação em tela que envolve a cabeça deixando uma estreita abertura em frente dos olhos. A pessoa embiocada fica de tal guisa irreconhecível que não se sabe mesmo se é homem ou mulher”.

in *A Mulher Algarvia*, Amílcar Louro, Lisboa, 1946



18. Mulher Algarvia, desenho de Saavedra Machado, in *O Archeologo Portuguez*, Lisboa, 1918